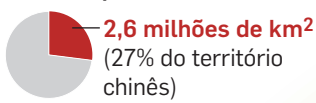


Desertos da China

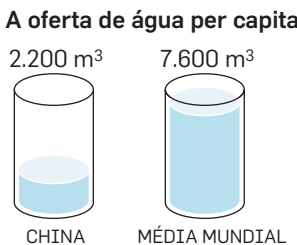


Área ocupada



Se localizam principalmente no Norte do país. Este território inclui as zonas de desertificação – terras que já foram férteis e se degradaram em razão do excesso de exploração agrícola ou utilização inadequada do solo

A China tem 20% da população e 7% das fontes de água doce do planeta



Entre 1950 e 2000, a desertificação atingiu 385,7 mil quilômetros quadrados do território chinês – o equivalente às áreas somadas dos Estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio de Janeiro

HABITANTES POR KM²

Concentração populacional 540 milhões de chineses, o equivalente a 42% da população do país, vivem ao norte do Rio Yangtzé

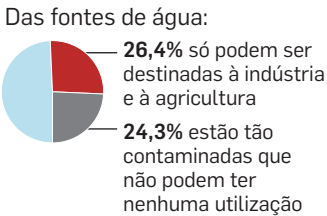
Em muitas províncias, a oferta de água per capita é de 757 metros cúbicos, abaixo dos 1.000 metros cúbicos que caracterizam a situação de “escassez de água”

As províncias ao norte do Rio Yangtzé respondem por cerca de 60% da produção agrícola do país, mas possuem apenas 14% das fontes de água

A água é distribuída de maneira desigual e é mais abundante no Sul do que no Norte

Transposição de água Para tentar resolver a escassez no Norte, a China está construindo o maior projeto de transposição de águas do mundo, para desviar parte do fluxo do Rio Yangtzé para o Rio Amarelo e seus afluentes

Poluição O problema da escassez de água é agravado pela poluição de rios e lagos



FONTES: BANCO MUNDIAL, MINISTÉRIO DE RECURSOS HÍDRICOS DA CHINA E INSTITUTO DE PESQUISA EM REGIÕES FRIAS E ÁRIDAS DA ACADEMIA CHINESA DE CIÊNCIAS

INFOGRÁFICO: WILLIAM MARIOTTO/AGE

POLUIÇÃO AFETA A VIDA NO CAMPO

Problemas ambientais graves estão na origem dos mais de 100 mil protestos que ocorrem em áreas rurais todos os anos na China

“Como podemos plantar alguma coisa nesta terra? Como podemos comer o que plantamos?”, questiona o camponês Tao Yusen, de 48 anos, apontando para as fábricas que contaminam o ar, a água e o solo da vila de Shapopang, onde nasceu. Tao e seus vizinhos abandonaram há anos a criação de animais de pastagem, que adoeciam quando comiam o capim plantado no local. Muitos dos camponeses reclamam que perderam os dentes em razão da poluição e todos dizem que não conseguem mais sobreviver apenas com o que colhem do solo onde sempre viveram.

O horizonte da vila é marcado por chaminés de indústrias químicas e de refino de metais como zinco, chumbo e cobre, que derramam dejetos na água que irriga as lavouras. O que não é absorvido pela agricultura termina no leito do Rio Amarelo, localizado a 30 quilômetros da vila.

No pátio de sua casa, o camponês Gu Kecheng, de 57 anos, mostra os pequenos grãos de sua mais recente colheita de trigo. “O grão normal é três vezes maior do que este. Se não fosse a poluição, eu colheria o triplo do que colhi.” Apesar das queixas, Tao e Gu não têm outra opção se não permanecer em Shapopang e cultivar o solo contaminado por metais pesados. “Para onde podemos ir?”, questiona Gu. “Não há terra. Pelo menos aqui temos um pedaço de terra para cultivar”, concorda Zhang Yan, de 51 anos.

Amigração interna na China é limitada pelo sistema de registro de residência chamado “hukou”, que vincula os moradores aos locais onde cresceram e impõe uma série de condições para a mudança de vila ou cidade. Além disso, há pouco espaço no país para o reassentamento de cam-



Produção. Gu reclama de colheitas ruins

O Rio Amarelo, de tão fraco, deixou de chegar ao oceano

● Origem e símbolo da civilização chinesa, o Rio Amarelo é a principal fonte de água do norte do país e uma das grandes vítimas da superpopulação e do crescimento econômico. O consumo, a demanda das fábricas e a irrigação reduziram o volume do rio, enquanto a poluição fez com que 25% de sua água se tor-

nassem imprópria para uso. Nos anos 90, a degradação foi tão grave que houve períodos em que o rio não alcançou o mar. Em 1997, ele deixou de desaguar no oceano em 226 dos 365 dias do ano. Para combater a escassez, Pequim iniciou, em 2002, o maior projeto de transposição de águas do mundo. A obra foi orçada em US\$ 60 bilhões – mais do dobro do que custou a hidrelétrica de Três Gargantas. Os críticos dizem que a transposição não resolverá o problema e poderá causar falta de água no sul, que teve em março a pior seca em décadas. /C.T.

poneses. O aumento da poluição é um dos mais graves efeitos colaterais do crescimento dos últimos 30 anos, que transformou a China na “fábrica do mundo”, da qual saem de sapatos a microchips e quase metade de todo o aço consumido no planeta.

Os camponeses são os que mais sofrem com a poluição no país, que é o maior emissor de gases estufa. A conta-

minação da água, do solo e do ar não ameaça apenas suas fontes de sobrevivência econômica.

No estudo *The Cost of Pollution in China*, de 2007, o Banco Mundial diz que o índice de mortalidade por câncer de fígado na zona rural chinesa é de 30 por cada grupo de 100 mil habitantes, o triplo da média mundial. Os camponeses do país também têm duas vezes mais

possibilidade de contraírem câncer de estômago. Em razão da alta incidência da doença, muitos lugarejos rurais são conhecidos como “vilas cancerígenas”.

A faixa de poluição é visível no horizonte de Shapopang, localizada no distrito de Baiyin, a 81 km de Lanzhou, capital de Gansu. O cheiro emanado das fábricas é tão forte que, às vezes, desperta os camponeses antes do amanhecer. Gu Zhengsen, de 69 anos, lembra que antes de as indústrias chegarem era possível ver as montanhas que hoje são encobertas pela fumaça das chaminés. O solo era fértil e a água, limpa.

Apesar da idade, Gu continua a cavar o solo com sua enxada, já que depende exclusivamente de seu trabalho para sobreviver. “Eu não tenho aposentadoria e nenhuma forma de ajuda”, diz, repetindo uma queixa comum entre os camponeses, que não possuem nenhuma forma de Previdência Social.

Na vizinha Sujiaodong, caminhões carregados com dejetos industriais sólidos atravessam a vila durante todo o dia. “Quando a chuva ácida cai e você olha para cima, parece que agulhas estão en-

trando na sua pele”, diz um camponês que se identificou apenas como Zeng. A contaminação da água e do solo está na origem de parte dos milhares de protestos que ocorrem na China a cada ano, que também são motivados por questões como corrupção, arbitrariedade de autoridades locais e apropriação indevida de terras. Só em 2008 foram 120 mil manifestações, uma alta de 30 mil em relação ao ano anterior.

Zeng tem uma área de 2 hectares, onde cultiva milho e trigo. “Este ano, plantei alguns vegetais, mas a chuva ácida matou todos antes que eles crescessem”. Em Shapopang, os camponeses afirmam que a colheita que obtêm não é suficiente para alimentar suas famílias. Todos dizem que só sobrevivem se comprarem comida. Para isto, muitos fazem “bicos” ou dependem da ajuda dos filhos que migraram para trabalhar como operários nas cidades, onde vivem de maneira clandestina. “Se dependêssemos só da terra, morreríamos de fome”, lamenta Tao. /C.T.